

**Léxico e Humor:
Considerações
sobre o
funcionamento
chistoso dos
sentidos no
*Dictionnaire des
mots qui n'existent
pas***

*Lexicon and Humor:
Considerations about the
witty functioning of the
meanings in the Dictionnaire
des mots qui n'existent pas*

Anderson Braga do CARMO (UNICAMP)
andersonbdocarmo@hotmail.com

CARMO, Anderson Braga do.
Considerações sobre o funcionamento
chistoso dos sentidos no *Dictionnaire
des mots qui n'existent pas*.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 6, p. 46-
64, jan./jun. 2016.

Resumo: O objetivo deste estudo é o de compreender e analisar os processos de produção de humor e de novas unidades lexicais e verificar a constituição e o funcionamento chistoso dos sentidos nos verbetes que compõem a obra *Le dictionnaire des mots qui n'existent pas* (1992). Para a realização desta pesquisa consideraremos o que Freud (1905) postula sobre a técnica e a natureza dos chistes, além de outros estudiosos no campo discursivo do humor, como Possenti (2010), Bergson (2007) e Raskin (1944). Assim, exploramos algumas questões que nos permitiram apreender como o léxico, ao se apresentar como criatividade cômica neste instrumento, desvela, na verdade, uma realidade ofensiva.

Palavras-chave: Léxico. Dicionário. Chiste.

Abstract: The aim of this study is to understand and analyze the processes involved in the production of humour and new lexical units and verify the constitution and the witty functioning of the senses in entries that make up the book *Le dictionnaire des mots qui n'existent pas* (1992). To carry out this research, we consider Freud (1905), Possenti (2010), Bergson (2007) and Raskin (1944). So, we explore some questions which allowed us to understand how the lexicon, presented as a comic creativity, reveals an offensive reality.

Keywords: Lexicon. Dictionary. Wit.

Introdução

O objetivo deste estudo é o de compreender e analisar os processos de produção de humor e de novas unidades lexicais e verificar a constituição e o funcionamento chistoso dos sentidos nos verbetes que compõem a obra *Le dictionnaire des mots qui n'existent pas* (1992), sem tradução para o português, desenvolvido pelo editor e humorista Jean-Loup Chiflet e pela lexicógrafa e enciclopedista Nathalie Kristy.

Para a realização deste ensaio, consideramos três pressupostos que teoricamente sustentam a nossa análise: 1) As palavras de entrada do dicionário, a nomenclatura, foram conceituadas e abalizadas como “veículos” de chistes, segundo o que Freud (1905) postula sobre a técnica e a natureza deste fenômeno; 2) A obra em tela situa-se no campo do humor, de acordo com o que Possenti (2010) propõe sobre a caracterização deste enquanto um campo discursivo; 3) Visto se tratar de um dicionário produzido em outra língua (francês) e cultura (francófona), conjecturaremos as possibilidades de tradução e de compreensão dos verbetes, com o intuito de corroborar com a tese de que o humor seja universal (POSSENTI, 2010).

O dicionário das palavras que não existem: algumas considerações

Algumas perguntas podem ser feitas cogitando-se apenas o paradoxo que o título da obra instaura: em que medida pode-se fazer um dicionário com palavras que não existem? Como compreender este paradoxo? O que, portanto, foi dicionarizado? O que existe de concreto e que possibilitou a realização da obra?

A introdução do dicionário nos oferece algumas respostas frente a estas indagações. Primeiramente, o que abordam os autores neste dicionário são comportamentos, situações, sentimentos, objetos,

pequenos defeitos, manias, constrangimentos, percalços que “animam e assombram” a vida cotidiana das pessoas, mas que o vocabulário tem “negligenciado de denominar e de definir”. Trata-se de um dicionário formado por aspectos anônimos da vida cotidiana que são “cruelmente” reais, mas que careciam de ser nomeados e definidos. Por conseguinte, as palavras que são desenvolvidas nesse instrumento não existem, ou melhor, não existiam, para designar conceitos reais e correntes. O que os dicionaristas buscam fazer, então, e com humor, é “confeccionar sobre medida as palavras que tanto faltam ao nosso vocabulário”, que são “indizíveis, inefáveis, indefinidas e mesmo inominadas”.

Nesse sentido, há um aspecto metodológico interessante para se observar sobre a metodologia adotada pelos autores. Diferentemente dos dicionários de língua, em geral, que dão ao léxico um tratamento semasiológico, isto é, a partir do signo buscam a determinação do conceito, os autores do *Dicionário das palavras que não existem* traçam um percurso onomasiológico, no qual parte-se do conceito, do “como se diz” de uma sociedade, para se chegar a uma forma, criada por eles, que designe o que querem referir. Assim, as palavras de entrada, os processos de nomeação e de criação da nomenclatura tornam-se nosso foco principal de observação.

Então, por ser metodologicamente diferente dos demais dicionários de língua, consideramos este um “dicionário especial”, ou “especializado”, não por esta ser uma possível tipologia de classificação para a obra, mas porque ela traz algo novo, e de forma muito bem-humorada.

Visto isso, podemos dizer que o que existe, o que serve de referente, encontra-se no domínio das ideias. Há uma relação entre linguagem e pensamento que deve ser pensada e que nos interessa aqui. O que os autores criam, nomeiam, materializam, são palavras cujas construções são previstas pela língua francesa, mas que não possuem o compromisso de estabelecerem uma comunicação “bona-fide”, como nos diria Raskin (1944).

Embora os autores façam uso de um instrumento que tradicionalmente e de forma engajada apresenta um conteúdo sobre a língua e o mundo que é recoberto pelo “discurso do sério”, com um “compromisso com a verdade”: o dicionário; e descrevam estas palavras “desconhecidas” nos padrões previstos pelo gênero “verbete”, com entrada, categoria gramatical, definição, exemplos etc., não há um comprometimento dos autores com a veracidade das informações. O

que se estabelece, então, é um jogo envolvendo uma relação “non-bona-fide” de comunicação, na qual há um objetivo central, causar humor, a partir de um instrumento que, a princípio, não permite isso. Deste modo, considerando o caráter cômico e não necessariamente real do que é produzido por esses autores, não podemos categorizar a obra no campo do discurso científico ou lexicográfico.

Então, para entendermos melhor o funcionamento da cena enunciativa deste dicionário, nos baseamos em uma reflexão estabelecida por Mainguenu (2008, p. 70). Para o analista do discurso, a cena de enunciação se compõe de outras três cenas, denominadas “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”:

A cena englobante atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico... *A cena genérica* é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero do discurso de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à *cenografia*, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável etc. (MAINGUENEAU, 2008, P.70).

A partir desta proposta, podemos dizer que, quanto à configuração da cena genérica, estamos diante de um dicionário, cujas estruturas formais funcionam como prescreve os gêneros verbetes, índice temático etc. Contudo, os enunciados são encenados para nos causar riso, pois possuem um comportamento altamente chistoso. Logo, só podemos interpretar e significar os enunciados que constituem esta obra se concentrá-la no campo do humor (POSSENTI, 2010), ou seja, este é o campo que compreende a cena englobante do instrumento. Afinal, mais do que tratar de aspectos da vida cotidiana, o que os autores buscam fazer é significá-los de forma que o gênero funcione a serviço do humor.

Segundo o índice temático do livro, o dicionário compreende 297 entradas, divididas em catorze temas: “*l’univers impitoyable de l’automobile*”, “*le métro, l’avion, le cinéma et autres transports en commun*”, “*les aléas de la cigarette*”, “*le téléphone, la télévision et autres ustensiles*”, “*le restaurant et l’art de la table*”, “*le spectacle de la rue*”, “*les drames du shopping*”, “*le corps, avatars et épiphénomes*”, “*les joies (et les peines) du foyer*”, “*les animaux très (voire trop) familiers*”, “*grandeur et misère de la vie en société*”, “*l’amitié, l’amour et le sexe*”, “*obsessions et manies en tous genres*” e “*le langage dans tous ses états*”.

Devemos salientar que, além de algumas dessas 297 palavras

se repetirem em mais de um eixo temático, o dicionário compreende um número bem maior de “palavras que não existem”, que são criadas e explicitadas, enquanto sinônimas, antônimas (das entradas) e remissivas, no interior dos verbetes para complementarem as definições. Destarte, por conta do extenso número de verbetes para compor nosso corpus de análise, precisávamos realizar um recorte, e optamos, então, visto o tratamento sistemático dado pelos autores, em selecionar um eixo temático e analisar os verbetes que o abrangem.

Selecionamos para este estudo o tema “Grandeza e miséria da vida em sociedade” (*Grandeur et misère de la vie en société*), cujo conjunto de palavras abarca 26 verbetes. São eles: *alcoolest*, *badgenauder*, *biscadeau*, *cadeautopsie*, *calverre*, *casqueter*, *clin d’heure*, *cobâille*, *codosphère*, *culturroriste*, *déconfident*, *défilosphère*, *désaparté*, *digithon*, *embâillonnement*, *exasphère*, *fiascadeau*, *frimesautier*, *hypocritosphère*, *hypocryphe*, *nevous-rendez-pas*, *paranobésoïa*, *postoïcisme*, *stupéfeinte*, *tergiversement* e *vintamarre*. Além dessas, pode-se verificar outras 11 palavras que figuram no interior desses verbetes, a saber: *cadeaubide*, *cadeauplicata*, *calvert*, *casquouille*, *fendez-vous*, *frimades*, *narcomeneur*, *narcosmose*, *narcotransmission*, *pendez-vous* e *vendez-vous*. Mesmo realizando o recorte, podemos ver que se trata de um corpus bem extenso, portanto, algumas das nossas observações serão efetivadas de forma generalizada, depreendendo as regularidades encontradas, salvo algumas anomalias.

Enfim, para dar continuidade ao trabalho, dividiremos a nossa análise em dois momentos. No primeiro, trabalharemos apenas com a nomenclatura do dicionário, as unidades lexicais criadas e as técnicas de chistes que foram utilizadas, e no segundo, trataremos da composição do gênero verbete e o funcionamento do humor existente na relação entre a entrada e a definição.

Língua, inconsciente e humor: a palavra de entrada e a técnica dos chistes

Antes de iniciarmos um percurso de análise, precisamos esclarecer em que medida as unidades de entrada são consideradas chistes, para tanto, destacamos um dos melhores verbetes do nosso corpus. Observemos:

culturroriste, *n.*

Terroriste culturel qui nous noie sous un flot ininterrompu de noms et de faits dont vous ignorez tout eu qu’il accompagne

d'un comminatoire « tu connais ? » ou « tu vois qui je veux dire ? », questions auxquelles vous préférez répondre par l'affirmative plutôt que d'avoir à avouer de si nombreuses lacunes.

Segundo Heymans e Lipps (*in* FREUD, 1996, p. 25), “o efeito do cômico dos chistes deriva de ‘desconcerto e esclarecimento’”. Logo, o que a entrada, por si só, nos apresenta é este fator de desconcerto, ela é uma “palavra veículo do chiste”, que aparentemente foi erradamente constituída, que guarda algo de incompreensível e enigmático.

Lipps (1898, p. 45, *in* FREUD, 1996, p. 20), então, diz que o esclarecimento do chiste se divide em dois estágios. O primeiro estágio consiste nas “possibilidades” de significação da palavra, e no segundo, que é seguido do primeiro, a palavra sem sentido mostra seu sentido verdadeiro. Portanto, se considerarmos que o “efeito cômico” é algo que deve ser esperado de todo verbete deste dicionário, como adianta a apresentação da obra, as possibilidades de sentido que o consulente do dicionário esboça para a palavra de entrada, sem considerar a sua definição, permitem um primeiro efeito cômico, pois o sujeito interpretante tem em mente que aquela forma inteligível guarda um conteúdo engraçado. No entanto, a partir do momento em que se lê a definição, o efeito do cômico é dilatado e dirigido, visto que a definição é o que permite a compreensão, o esclarecimento, o sentido verdadeiro, ou seja, a intenção comunicativa do locutor.

Queríamos deixar explicitado, então, que embora tenhamos dividido o trabalho em dois momentos, sabemos que a relação entre o chiste e o humor depende de todo o material verbal veiculado. Até mesmo para a compreensão do que seja um chiste, devemos considerar toda a constituição do verbete, afinal, a definição é o que esclarece os sentidos. No entanto, interessa-nos nesta seção apenas a técnica utilizada, por isso, a entrada é o aspecto em evidência, visto que seja esta o “produto final” dos dicionaristas.

As demais considerações sobre a relação entrada-definição e sobre os efeitos de humor lançados serão esboçadas de forma detalhada na próxima seção. Passemos, portanto, às técnicas dos chistes.

Em que consiste, pois, a técnica do chiste? No segundo capítulo de seu livro *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905), Freud tenta responder a esta pergunta explicitando um variado número de técnicas que permite caracterizar a natureza deste fenômeno, elucidando seus mecanismos linguísticos. Assim, em sua busca por uma unidade em meio

à multiplicidade de técnicas esboçadas, o autor postula características deste artifício, como a brevidade, a sua dependência da expressão verbal e destaca que, talvez, o aspecto mais geral da técnica dos chistes fosse a sua tendência à economia. No entanto, ressalta o psicanalista: o que economiza o chiste através de sua técnica?

Se nos atrevermos a dizer “palavra(s)” ou “ideias” como respostas, o que fazemos de forma incauta e reducionista, de alguma forma estaremos respaldando a existência de uma “relação” que deve ser cogitada como indivisível no funcionamento deste mecanismo, e que interessa ao linguista e ao psicanalista, que é a conexão entre linguagem e pensamento. Fica claro no livro de Freud, que o número de técnicas elencadas tem um efeito desconcertante. Não obstante, o que é muito bem esclarecido, pelo menos no segundo capítulo do livro, é que estas técnicas, por mais fundidas e diversificadas que sejam, dimanam desta relação.

Com isso em mente, buscamos classificar as entradas do dicionário seguindo o que estabeleceu Freud sobre as técnicas dos chistes, além de acrescentarmos algumas considerações de Lexicologia e Semântica, com o intuito de compreender quais as estratégias lançadas pelos autores para criarem as palavras e, sobretudo, causar humor.

De forma geral, o que ocorre na grande maioria dos chistes deste dicionário é uma considerável abreviação, desse modo, a condensação, da mesma forma que concluiu Freud, é a categoria mais ampla e a técnica mais evidenciada entre os chistes encontrados nos verbetes que analisamos.

Se considerarmos o verbeito que utilizamos no início desta seção, “culturroriste”, por exemplo, temos uma condensação que resulta na formação de uma palavra composta. Ou seja, dada as palavras “culture” e “terroriste”, temos “culturroriste”.

CULTURE
TERRORISTE
 CULTURRORISTE

No caso de culturroriste, a Lexicologia prega que se trata do processo de formação de palavra chamado de *palavra-valise*, ou, *cruzamento vocabular*, segundo Alves (1990). Neste caso, manifesta-se “um tipo de redução, duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final e outra sua parte inicial” (ALVES, 1990, p. 70). Para a autora, inclusive, neste

processo de formação de palavras “a sátira e a ironia, que podem ser suscitadas pelo encontro inusitado entre certos elementos, condicionam a criação”.

Uma dúvida que poderia acrescer sobre esse chiste seria o fato dele ser um caso de composição por aglutinação e não um caso de palavra-valise, afinal, segundo a classificação dada por Freud, classificaríamos este chiste como uma “condensação com formação de palavra composta”. Segundo Kehdi (1992, p. 35), na palavra composta, “os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de um único conceito, novo, global”, para Bréal (2008, p. 113), nos compostos “o espírito, sem se deter sucessivamente sobre os dois termos, só percebe o conjunto”, ainda, para Basilio (2003, p. 29-30), em “compostos do tipo substantivo + substantivo, o primeiro substantivo funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador ou especificador”. Ora, se considerarmos as premissas estabelecidas por esses autores não podemos abalizar culturroriste como um composto, muito menos como um chiste.

Preferimos dizer se tratar de uma palavra-valise, pois, diferentemente do que considera Kehdi e Bréal, mesmo havendo a criação de um conceito novo, as duas bases não perdem totalmente as suas significações, inclusive, apenas achamos o chiste espirituoso quando, depois de ler a definição, percebemos o processo de cruzamento não só da forma, mas, principalmente, dos sentidos. Se considerarmos o que pondera Basilio, aí mesmo que não consideraríamos este um caso de composição, pois o núcleo desta construção é o segundo item, e o especificador acaba sendo o primeiro, contrariamente o que coloca a autora.

Para a formação do chiste, a palavra que o comporta deve sugerir um desconcerto que quando explicitado cause humor. Isto é, no caso de culturroriste, na criação do conceito novo deve-se ecoar, de alguma forma, a significação das palavras de base. É este processo de reconhecimento, seguido de quebra e ressignificação, um dos fatores responsáveis pelo efeito cômico do verbete. Nesse sentido, a palavra veículo do chiste guarda uma espécie de subentendido. Precisa-se reconhecer na palavra veículo que ela não se trata de uma palavra erradamente construída, deve-se compreender o desconcerto. De certa forma, culturroriste não deixa de ser uma palavra composta, mas não podemos considerá-la no sentido de composição que a Lexicologia ou a Semântica ponderam, assim, evidencia-se aqui um caso de palavra-valise.

Além de culturroriste, alcoolest (álcool + delestes) e paranobesoia (paranoia + besoin) também poderiam ser casos de chistes formados por condensação com formação de palavra composta (valise), o que mostra a produtividade deste processo neste dicionário.

Outra técnica de chiste que ressalta Freud é a condensação acompanhada de modificação. De acordo com esta técnica, quanto mais leve for a modificação, melhor será o chiste. Vejamos, então, um verbete no qual consideramos que os autores utilizaram este tipo de técnica, mesmo que ainda assim tenha-se criado um composto.

calverre ou **calvert**, *n.m.*

Calvaire que constitue pour certaines personnes le fait d'aller jeter dans les containers verts prévus à cet usage leurs très nombreuses bouteilles de vin vides, au risque de passer pour alcooliques aux yeux de passants.

Podemos perceber que calverre e calvert são casos de chistes por condensação com formação de compostos, no entanto, dois aspectos os diferenciam de culturroriste. Vejamos as unidades lexicais em um quadro diagramático:

CALVAIRE
<u>VERRE</u>
CALVERRE

CALVAIRE
<u>VERT</u>
CALVERT

Primeiramente, temos aqui casos de palavras compostas por aglutinação, pois em calverre e calvert os dois vocábulos “se fundem num todo fonético, com um único acento, e o primeiro perde alguns elementos” (KEHDI, 1992, p. 36), além disso, a primeira base, mesmo que perdendo parte do seu radical, continua sendo o núcleo da palavra criada, e a segunda torna-se o termo especificador.

O segundo aspecto que os diferencia é que há o reempossamento de um efeito de similaridade sonora entre as palavras envolvidas no chiste. Embora haja uma leve modificação composicional entre calvaire, calverre e calvert, do ponto de vista fonético não temos mudança alguma [‘kalvɛr]. Temos, portanto, uma condensação com a formação de palavra composta, com modificação, mas em que há um múltiplo uso do mesmo material fonético. O aspecto sonoro, portanto, é algo que deve ser considerado na produção deste chiste, pois permite uma repetição sonora que contribui para o humor do verbete.

Outros chistes formados por condensação com formação de compostos, e que se enquadram no caso de palavras aglutinadas seriam:

“narcotransmission”, “narcomeneur”, “narcosmose”, “codosphère”, “défilosphère”, “exasphère”, “fiascadeau”, “hypocritosphère” e “stupéfeinte”. Nestes casos, observa-se a mesma regularidade quanto à utilização da técnica de condensação de calverre, no entanto, nem todos estes chistes possuem o mesmo tipo de definição, o que acarreta em diferentes efeitos de sentido e de humor.

Além do processo de aglutinação, temos também chistes por condensação com a formação de palavras compostas por justaposição. Vejamos o verbete: *clin d’heure*.

***clin d’heure*, n.m.**

Regard furtif que l’on jette discrètement à sa montre pour vérifier l’heure à l’insu de son interlocuteur.

N.B. Avant de se livrer à cet exercice, il est préférable d’avoir ou préalable glissé la main sous la table et vérifié la bonne position de la montre, ceci afin d’éviter de gênantes contorsions du poignet qui nuiraient à la discrétion du geste

O quadro diagramático que mostra o processo de conversão das duas palavras em um chiste pode ser constituído da seguinte forma:

$$\frac{\text{CLIND' (OEIL)}}{\text{HEURE}} \\ \hline \text{CLIN D' HEURE}$$

Vemos a partir deste esquema que a palavra veículo do chiste é um composto por justaposição, pois as duas bases (“clin” e “heure”) conservam a sua individualidade. Entretanto, há uma abreviação, visto que a expressão de uso comum é *clin d’oeil*, que poderia ser traduzida por “olhadela”, e que neste caso, pelo princípio da condensação, acaba fundindo-se à *heure* em um mesmo material verbal. Assim sendo, podemos perceber que o segundo termo, *heure*, acaba sendo o especificador, e o primeiro termo, *clin*, o núcleo, bem como a Lexicologia prevê em casos de palavras compostas.

Outros casos de composição por justaposição, que também consideramos chistes, seriam “biscadeau” (bis + cadeau) e “cadeauplicata” (cadeau + duplicata), que segundo os dicionaristas seriam sinônimos. A partir deste exemplo, podemos ver que o procedimento de formação de um chiste pode efetivar-se por escolhas diversas, o que garante o aspecto desconcertante das técnicas em geral, como observou Freud, e que faz deste fenômeno um grande processo de criatividade lexical. Vale ressaltar, ainda, que em *biscadeau* não há um processo de abreviação, pois as bases não perdem material verbal na formação da palavra

veículo do chiste. Este caso, portanto, seria interessante para indagar se o princípio da economia teria de ser um pré-requisito para se conceber um chiste.

De forma geral, vemos que para utilizarmos a categorização de Freud o processo de composição, de formação de compostos, não pode ser entendido da mesma forma que o conceitua a Lexicologia ou a Semântica. Em vista disso, devemos pensar o composto em Freud apenas como elemento formado por bases diferentes, enfatizando, assim, o aspecto econômico. Além disso, a ideia de composição implica trabalhar tanto com o aspecto verbal, quanto com o nocional: o chiste diligencia-se com as ideias, com similaridades e dissemelhanças de sentidos. Para o psicanalista, inclusive, um bom chiste é aquele que une dois mundos diferentes através de dois sentidos veiculados por um único material verbal. O princípio da economia, a compressão de ideias e de material verbal, então, é um aspecto essencial para Freud.

Nesse sentido, gostaríamos de expandir ainda mais o conceito de composição em Freud e propor mais uma classificação: condensação com a formação de palavra derivada. Ao olharmos para as entradas do dicionário em análise, percebemos que algumas não eram nem casos de composição, nem de palavra-valise, mas sim de derivação. No entanto, o funcionamento cômico era o mesmo dos outros casos, apenas a mobilização verbal era diferente. Desse modo, poderíamos considerá-las chistes?

O processo de derivação, ao lado da composição, é um dos mais gerais na formação de palavras. Considera-se derivação “a junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra” (KEHDI, 2003, p. 26). Embora esta definição encerre o aspecto geral deste processo, muito pode ser dito sobre a formação de uma palavra derivada. O que mais nos interessa sobre a derivação é que nela observa-se um dos princípios mais gerais da linguagem, o da economia da língua. A derivação é um dos processos mais produtivos de formação de palavras de uma língua, pois mobiliza poucos recursos e não permite que tenhamos uma multiplicação desnecessária no número de palavras para se armazenar na memória.

Lógico que o princípio da economia não basta para dizer que estes verbetes sejam casos de chistes, para uma explicitação mais ampla, consideremos o verbete “*désaparté*”:

désaparté, *n.m.*

Histoire scabreuse, confidence intime que l'on chuchote en

aparté à son voisin de table lors d'un dîner animé et bruyant, quand soudain les conversations s'interrompent et qu'on s'aperçoit, gêné, que tous vous écoutent.

Em francês, da mesma forma que em português, o prefixo “dés” indica uma ação contrária. No entanto, *désaparté* não é uma confiança que não é particular, mas uma confiança ou história que deveria ser privada e que deixou de ser. Assim, o prefixo (dés) e a base (aparté) compreendem sentidos diferentes, que ao se unirem causaram, em um primeiro momento, um desconcerto, pois se trata de uma derivação atípica. Os dicionaristas poderiam ter utilizado algum outro sinônimo, ou optado por uma construção do tipo “publicaparté”, por exemplo, contudo, preferiram utilizar este princípio também com o intuito de causar um estranhamento.

Também, como em todos os outros casos, o sentimento de prazer, o caráter cômico, surge após o esclarecimento. Nesse sentido, acreditamos que podemos considerar o caso em tela um chiste por condensação, o que avaliamos poder validar a nossa proposta de classificação.

Da mesma forma que *désaparté*, outros casos de derivação que localizamos são: *cobaïlle*, *déconfident*, *embâillonnement*, *badgenauder*, *cadeautopsie*, *casqueter*, *casquouille*, *digithon*, *frimesautier*, *postoiçisme*, *tergiversement* e *frimades*. Conquanto, devemos tomar cuidado em considerar toda derivação uma palavra veículo de chiste, e estamos longe de considerar isso aqui. Observamos, por exemplo, que o que alguns sufixos fazem é proporcionar apenas uma mudança na classe gramatical da palavra, logo, precisaríamos fazer uma análise mais detalhada para verificar quais os mecanismos de humor e de estranhamento que são realmente mobilizados em cada um dos verbetes, e se poderíamos considerá-los casos de chistes, o que faremos em outra oportunidade.

De forma geral, o processo de condensação acaba sendo a técnica de chiste mais evidenciada no dicionário, contudo, o múltiplo uso do mesmo material também é uma técnica que se faz presente entre as entradas. Em calverre, como vimos, houve um múltiplo uso de material sonoro. O que percebemos, então, foi que mesmo em casos de múltiplo uso do mesmo material, acaba-se tendo um caso de abreviação. Para maiores esclarecimentos, consideremos o verbe *“ne-vous-rendez-pas”*:

ne-vous-rendez-pas, *n.m.inv.*

Rendez-vous sans cesse ajourné et reporté à une date ultérieure.
N.B. Ne pas confondre avec le **fendez-vous**, rendez-vous qu'on

obtient au prix de quelques efforts, le **vendez-vous**, qu'on arrache par corruption, ou le **pendez-vous**, qu'on n'obtiendra jamais.

Podemos perceber que o verbete apresenta diversos casos de múltiplo uso do mesmo material. Primeiramente, se considerarmos a entrada “ne-vous-rendez-pas”, temos um chiste formado a partir de uma inversão, com o acréscimo de uma negação. A palavra rendez-vous, em francês, é um substantivo composto, no entanto, por meio desta técnica, o que ocorre com ne-vous-rendez-pas é uma inversão que desfaz o composto e converte cada uma das bases à sua classe gramatical original: “render” (verbo) e “vous” (pronome). Desta forma, há a possibilidade da negativa, o que anteriormente não seria possível.

Já as palavras “fendez-vous”, “vendez-vous” e “pendez-vous” são consideradas veículo de chistes que utilizam como especialidade uma leve modificação. Observamos aqui que a mudança de uma letra possibilita um processo de redução do mesmo tipo que Freud observou em “Viajei com ele tête-a-bête”. Vale ressaltar, contudo, que embora a modificação seja considerada leve, o efeito de sentido alcançado é suntuoso. Para Freud, e isso já falamos nesta seção, quanto menor é a modificação, melhor é o chiste.

Os casos de “ne-vous-rendez-pas” e “calverre”, por exemplo, nos mostram que as técnicas utilizadas dependem de fatores linguísticos, cuja sensibilidade de produção só pode ser evidenciada no interior da língua que o produziu, no caso, o francês, o que seria um empecilho de tradução para o português. Ao mesmo tempo, o que os chistes analisados neste dicionário nos mostram é que as dificuldades de tradução não são impostas por barreiras culturais, e sim linguísticas, afinal, não verificamos fatores culturais que estabeleçam demarcações espaciais de funcionamento dos sentidos e do humor.

A temática que esses chistes recortam, “grandeza e miséria da vida em sociedade”, bem como as palavras criadas, podem muito bem ser transpostas e compreendidas em língua portuguesa, com certas modificações, que não alteram em nada o conteúdo cômico do verbete, mas sim o caráter estrutural da palavra veículo. Com certeza, a similaridade sonora de calvaire, calverre e calvert não teria como ser transposta, pois haveria uma pequena variação (calvário, calvidro ou calcopo e calverde), no entanto, o chiste seria muito bem compreendido. De qualquer forma, esta tradução ainda carrega uma similaridade sonora, mesmo que não a mesma e com certa modificação. Em outros

casos, como culturroriste, por exemplo, a tradução, culturrorista, não apresenta nenhuma barreira linguística, e a técnica do chiste continua sendo a mesma.

A partir disso, podemos dizer que os chistes produzidos pelos autores podem ser entendidos e até mesmo traduzidos, salvo algumas modificações estruturais, por um falante de outra língua que não a francesa, pois o caráter prosaico das palavras criadas é de âmbito universal. Assim, podemos afirmar que o “discurso humorístico, nos diversos gêneros textuais em que se materializa, faz apelo a um saber, a uma memória – mas não necessariamente a uma cultura específica” (POSSENTI, 2010, p. 148). Ou seja, mesmo tratando-se de um instrumento em outra língua e cultura, os mecanismos humorísticos arrolados também nos “fazem rir”, independentemente do fato da obra ter sido escrita para uma comunidade francesa, logo, o humor não é cultural, mas sim, como propõe Possenti, universal.

Enquanto linguistas, esperamos ter contribuído no sentido de mostrar que os chistes em tela, ao serem considerados também pela perspectiva da Lexicologia ou da Semântica, possuem as mesmas propriedades das línguas naturais, no que se refere ao processo de formação de unidades lexicais, pois o processo de neologia que vemos aqui é o mesmo que ocorre no léxico de uma língua. Nesse sentido, podemos dizer que culturroriste é um chiste e uma palavra-valise. Por outro lado, qual seria então a diferença? O que diferencia o chiste de um processo comum de formação de palavras?

De certa forma, alguns aspectos definidores e característicos observados não seriam suficientes para instaurar uma disparidade. Condensação, abreviação, economia, múltiplo uso do mesmo material, nenhum desses aspectos poderia ser utilizado para estabelecer a diferença, pois o que define um chiste não é apenas a sua forma, mas a sua função. Do ponto de vista comunicacional, o chiste busca produzir um prazer no seu ouvinte (DASCAL, 2006). Corroborando com isso, outro argumento, também advindo da literatura sobre o tema, seria: “é impraticável tratar os chistes, a não ser em conexão com o cômico” (FREUD, 1996, p. 17), ou seja, o chiste é um “juízo que produz contraste cômico”, não é apenas um jogo de palavras, é também um jogo de ideias.

Enfim, embora os critérios arrolados possam parecer suficientes para caracterizar os chistes, os estudos de Freud nos mostram que o psicanalista não se satisfaz em sua tentativa de compreender as técnicas. O caminho tomado por Freud revela uma preocupação com o

funcionamento do processo de formação: há um deslocamento entre a ideia e aquilo que se verbaliza que acarreta na produção do chiste, logo, se isto tem tendência a ser breve, econômico ou causar riso, deve-se ao fato deste estar a mercê desta relação. Logo, há uma relação entre o chiste e o inconsciente que precisa ser explorada. Assim, se, por um lado, a classificação destas técnicas esclarece isso, por outro, mostra que este caráter múltiplo do chiste torna esta relação ainda mais indecifrável e cada vez mais imprevisível, por isso mesmo tão produtiva.

Entrada e definição ou desconcerto e explicação: o comportamento chistoso dos verbetes

Iniciamos a seção anterior falando da relação entre desconcerto e explicação que o chiste impera, segundo Lipps, e que o efeito cômico se apresenta em dois momentos. Considerando o nosso corpus, há uma primeira etapa em que se geram possibilidades de interpretação para o desconcerto imposto pela entrada, e uma segunda, em que a definição possibilita que se compreenda o desconcerto, ou seja, a explicitação acaba por contribuir com o efeito cômico do verbeito como um todo.

Sobre este funcionamento, temos algo na relação entre a entrada e a definição que faz do chiste uma “atividade essencialmente social”, como nos apresenta Dascal (2006, p. 383): o locutor lexicógrafo busca produzir prazer em um outro, nesse caso, o consulente do dicionário. Logo, há uma intenção comunicativa por parte dos dicionaristas que precisa ser reconhecida para que o efeito cômico seja alcançado. O chiste, então, pode ser considerado “uma atividade comunicativa”.

Entretanto, o veículo do chiste, a entrada por si só, sem a sua definição, abre um espaço de implicitude e indiretividade que pode nos levar a interpretar *cadeautopsie*, por exemplo, e mesmo considerando o seu aspecto *nonsense* que causa humor, como uma doença, uma espécie de psicose, e não como uma técnica de abrir presentes, como é definido. Ou seja, há um deslocamento entre o que se espera e o que é comunicado, e isto é fundamental para o funcionamento cômico deste enunciado.

É como se entre os dois estágios de esclarecimento, como postula Lipps, houvesse uma ruptura de pensamento, uma quebra de script, gradual, que vai do risível (implícito) ao mais risível (comunicado), sendo a compreensão do chiste, isto é, o segundo momento, necessário, pois é quando realmente entendemos o intuito comunicativo.

Segundo Bergson (2007, p. 80), o chiste presta-se a uma análise

cuja “fórmula farmacêutica” é a seguinte: “toma-se o chiste, espessa-se o chiste transformando-o em cena representada, buscando-se em seguida a categoria cômica à qual essa cena pertenceria; o chiste estará assim reduzido a seus elementos mais simples, e teremos a explicação completa”. Considerando a relação entrada-definição, encenada por nossos chistes, vemos que a explicação completa só pode ser evidenciada se compreendemos todo o conteúdo lexicográfico, que nada mais é que uma encenação em formato de verbete.

Outro aspecto que gostaríamos de explicitar é a estruturação do chiste, que é aqui em formato de verbete. Segundo Bergson:

[...] para que uma frase isolada seja cômica por si mesma, uma vez desligada daquele que a pronuncia, não basta que seja uma frase pronta; é preciso também que contenha em si um sinal no qual reconheçamos, sem hesitação possível, que ela foi pronunciada automaticamente. E isso só pode acontecer quando a frase encerra um absurdo manifesto, seja um erro grosseiro, seja sobretudo uma contradição em termos: Donde a seguinte regra geral: *Obtém-se uma frase cômica inserindo-se uma ideia absurda num molde frasal consagrado*. (BERGSON, 2007, p. 83)

Não diríamos que nos verbetes analisados tenhamos casos de absurdos manifestos, e sim de desconcertos que as unidades de entrada causam devido aos processos de formação que sofreram, assim, poderíamos dizer que se trata de aspectos da nossa vida cotidiana que são negligenciados de alguma forma, seja do ponto de vista da definição ou da designação. No entanto, e isso é o que nos interessa da afirmação de Bergson, a forma de apresentação de aspectos que são vivenciados pela sociedade, mesmo que de forma desatenta, no molde de um verbete de dicionário, seguindo regras prescritas pelos subdomínios do gênero, com marcações gramaticais, remissivas, exemplos, contextualização e ainda, com um modelo de definição já consagrado, também é responsável pelo efeito cômico gerado. Rimos do chiste, mas rimos também da forma como ele é apresentado.

A cada subdomínio que o verbete apresenta, visto que não há uma sistematicidade na produção dos verbetes, nem todos apresentam exemplos, nem as mesmas marcações, por exemplo, temos uma espécie de “novo gatilho”, um “não esperado”, uma surpresa, que intensifica o efeito cômico já estabelecido pela definição.

Embora não seja a nossa pretensão nesse momento, não poderíamos deixar de destacar que a definição por si só, da mesma forma que a entrada, valeria a pena ser estudada em uma seção separadamente.

Visto isso, gostaríamos de pontuar, mesmo que rapidamente, que o tipo de definição adotado pelos autores, de forma geral, é a clássica. Desse modo, a definição comporta uma determinação relativa, na qual a relação entre o sintagma nominal e o sintagma verbal nos mostraria, sintaticamente, onde se instaura o gatilho, ou seja, em que posições desses enunciados definidores instauram-se os elementos que nos revelam o desfecho do chiste e se haveria uma regularidade para se alcançar o efeito humorístico desejado. No entanto, este trabalho também ficará para outro momento.

Enfim, nesta seção buscamos utilizar uma metodologia generalizada, observando-se aspectos que pudessem ser explorados em todas as ocorrências do nosso corpus. No entanto, da mesma forma as que entradas analisadas apresentaram técnicas de chistes diferenciadas, valeria a pena estudar cada verbete e definição isoladamente para se verificar, além das regularidades, o que cada um traz de específico. O que pudemos compreender também, a partir destas observações, foi que embora tenhamos uma estrutura lexicográfica imposta pelo gênero, há um conjunto de características e um funcionamento chistoso dos sentidos que faz com que possamos caracterizar esta obra enquanto humorística, e não científica ou lexicográfica.

Últimas considerações

De forma geral, considerando os aspectos e técnicas que foram explorados aqui, pudemos compreender os mecanismos que fazem dos verbetes elencados casos de chistes, cujo objetivo comunicacional é eficientemente alcançado. Logo, embora a cena genérica nos diga que esta obra é um dicionário, temos uma cenografia que nos apresenta diversos textos de humor. Nesse sentido, *Le dictionnaire des mots qui n'existent pas* é um exemplo de que o humor é um campo em que se pode praticar gêneros numerosos.

Como qualquer outro campo, o humor “trata de qualquer assunto” (POSSENTI, 2013, p. 175), sendo assim, do que rimos neste dicionário, afinal?

Se por um lado, as técnicas utilizadas são mobilizadas para causar humor e as possibilidades de tradução dos verbetes nos comprovam que isso é possível até mesmo em outra língua, por outro, vale destacar que há uma unidade e uma regularidade temática dessas entradas que possibilitam dizer que o humor seja universal. No corpus em tela, o

assunto tratado não gira em torno de acontecimentos específicos ou estereótipos bem marcados. De forma bem mais geral, o prosaico e o comum da vida em sociedade: comportamentos, situações, sentimentos mania e objetos que cotidianamente animam e assombram, engrandecem ou tornam o ser humano um ser miserável, seja ele francês ou brasileiro, servem de tema para o humor e para a criatividade da linguagem. Segundo Bergson (2007, p. 97), “a linguagem só obtém efeitos risíveis porque é uma obra humana, modelada com a máxima exatidão possível pelas formas do espírito humano”. Para o filósofo, “não há comicidade fora daquilo que é propriamente *humano*”. Ora, sendo assim, não é demais frisar que a relação entre linguagem e sociedade manifesta-se eminentemente no léxico, pois esta é a estrutura linguística que melhor deixa transparecer o ambiente físico e social a que os sujeitos estão afetos.

O léxico, portanto, funciona como um espelho da sociedade, e o que os autores deste dicionário fazem é refletir sobre algumas misérias sociais de forma bem-humorada. Desta maneira, o real não é visto de forma ultrajosa e agressiva. O que o léxico aqui apresenta como criatividade cômica, desvela, na verdade, uma realidade ofensiva. Há quem diga que esta é a melhor forma de “tocar na ferida”, no “calcanhar de Aquiles” das pessoas: reverter uma situação ou algo embaraçoso em humor, e, quanto a isso, podemos dizer que os autores foram muito bem sucedidos, mesmo que eles admitam que esta não tenha sido a intenção.

Referências

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1990.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 2003.

BERGSON, H. **O riso**: ensaio sobre a significação da comicidade. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**: ciência das significações. 2.ed. Campinas: RG, 2008.

CHIFLET, J.-L.; KRISTY, N. **Le dictionnaire des mots qui n'existent pas**. Hors Collection. Paris: Presses de la Cité, 1992.

DASCAL, M. “Compreendendo chistes e sonhos: sociopragmática versus psicopragmática”. In: _____. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 382-399.

FREUD, S. (1905). **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. Trad. por

Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHDI, V. **Formação de palavras em português**. São Paulo: Ática, 1992.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

_____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht, Boston, Lancaster, Tokyo: D. Reidel Publishing Company, 1944.

Recebido em: 23 de ago. de 2015.

Aceito em: 12 de jul. de 2016.